

“E AÍ... QUÉ DANÇÁ MAIS EU?”

Marilena Soneghet

“Todo tempo, quanto houver, pra mim é pouco
pra dançar com meu benzinho numa sala de rebôco...”

[Dominginhos, 1985]

1

O negócio é assim: o caboclo vai casar. Então ele resolve convocar os companheiros pra ajudar a fazer sua casinha de sapé. Sai mais cedo da feira, vai pra bodega do Severino, lá onde costuma guardar sua peixeira. Os amigos vão chegando e ele explica: – “Tô querendo casá. Já inté falei com o padre. Vai sê de hoje a oito dias. Tô convidando vocês pra me ajudá a levantá minha casinha amanhã que é sabo (sábado). Já tá tudo lá: os caibro, os cipó, as vara, o barreiro... Vô matá um bode e fazê um pirão pra nós comê – (a buchada é por conta de dona Josenice). Assim que a casinha ficar de pé a gente faz um forró pra encarcá bem o chão da sala.”

Quase sempre ele, o noivo, mora lá no sem fim. O lugar escolhido não tem rua nem número. Nem carece. A referência é o pé de jatobá – assim de casinhas de joões-de-barro.

No “sabo”, como acertado, vão chegando os amigos, os compadres, as comadres, os afilhados, os agregados... “que mais um dia de trabaio não mata ninguém”... É tanta animação que mais parece folgado. A casinha se levanta como se brotasse do chão – milagre de muitas mãos, de dorsos suados, da alegria da comunhão. Porque isso é comunhão – benta e santa. De noite o forró vai esquentar – sanfona, rabecão, viola não vai faltar. Nem cabocla perfumosa. Aí, vai ser como o diabo gosta – vão tomar umas pingas, fungar no cangote da Carolina (morena sestrosa de flor no cabelo), e o rasta-chinelo vai chiar inté o sol raiar e vir, curioso, espiar pela janela que tanta festa é aquela. No caso de alguém engravidar... (foi o boto, sinhá) daqui nove meses vai ter mais festança e outra casinha vai nascer do chão e do milagre de muitas mãos.

2

Simple assim! Ai, como me encanta essa vidinha sem invencionices complicadas onde o que vale é o compadrio, a largueza da amizade. Aquela solidariedade de formigas empurrando juntas um besouro enorme. Cada um tem seu dia de precisão... hoje é você, amanhã sou eu. É assim que a vida anda – sem filosofices. Ninguém tem sobras – eles só têm o que realmente importa; sem apegos a inutilidades.

É um mundo pequeno. Tão pequeno que chega ser grande. Na simplicidade do casório a cor que prevalece é a da esperança.

Com o tempo a casinha vai pegando vida. Os melões-de-são-caetano e seus melõesinhos vermelhos vão subir pela parede do alpendre (aquele puxadinho pra pitá um pito depois da lida e ver a lua nascer, riscando uma viola). Alguns insetos vão procurar abrigo nas frinchas do rebôco, do lado quentinho onde fica o fogão de lenha. A criação pro gasto – as galinhas, o galo metido a garanhão, o gato pedrês (que solta um pum pra nós três...) vão entrar e sair sem pedir licença, o patinho vai sujar bem na entrada da porta e, quem sabe, o primeiro curumim já engatinha no terreiro, com os olhinhos brilhando de ver o mundo. (É que estou prevendo uma casinha feliz!).

3

Ser feliz é um luxo; não é pra qualquer um – mas qualquer um pode ser, se se esquecer dos luxos. É como olho d'água – cristalino – que brota no mato onde nem um pé pisou.

Sivuca, Dominginhos, Luis Gonzaga (autor do baião que cantei lá no comecinho) – e outros sanfoneiros de igual valor entoaram a alma do sertão, poetizaram os ninguéns até mostrar suas grandezas. Grandezas de um Brasil ingênuo, puro e valente, chegado numa rede, moroso na hora da preguiça, capaz na hora do vamos ver.

Tudo brasileiro quinemnóis – só um tiquin diferente!!!